

Em Busca de Maior Igualdade de Gênero na Ciência

Em 1792, Mary Wollstonecraft escreveu em seu livro *A Reivindicação dos Direitos da Mulher*: “Minhas observações sobre a educação nacional são obviamente sugestões, mas eu gostaria principalmente de enfatizar a necessidade de educar os sexos em conjunto para o aperfeiçoamento de ambos”.¹

Em 2014, estamos presenciando uma situação crítica e inaceitável na Nigéria, causada pelo obscurantismo e cegueira do grupo Boko Haram e por um país que parece não estar preparado para lidar com a igualdade de gênero.

Contudo, a situação dos direitos da mulher é ainda pior, porque, mesmo na moderna Comunidade Europeia, de acordo com recente texto de Serena Kutchinsky: “informações coletadas pela Agência Europeia pró Direitos Fundamentais (FRA), que entrevistou 42.000 mulheres, de 28 países-membros, revelaram que uma dentre três mulheres já foi física ou sexualmente abusada”.² Surpreendentemente, “países com os maiores níveis de igualdade de gênero apresentaram os maiores índices de violência de gênero. As supostamente liberais nações nórdicas apresentaram os piores resultados: Dinamarca (52%), Finlândia (47%) e Suécia (46%). O Reino Unido saiu-se um pouco melhor, vindo em quinto lugar”.²

O que falar sobre o papel das mulheres na ciência? Que situação temos no Brasil?

Podemos focar esse assunto de muitos ângulos, mas, para resumir, vamos considerar algumas informações apresentadas pelo CNPq quando da celebração do Dia Internacional da Mulher, 8 de março. De acordo com essa instituição federal, a participação das mulheres em bolsas de estudo para pesquisa perfaz 36%. Isso é considerado pela academia como um certificado de excelência em pesquisa. Por outro lado, quando se observa o número de bolsas para alunos de graduação em ciências, 56% são destinadas às mulheres. Isso claramente significa que os degraus para ascender na carreira científica são maiores para as mulheres do que para os homens.

Esse aspecto nos remete à fala da Profa. Montserrat Filella (Universidade de Genebra, Genebra, Suíça), durante o XVI Encontro Nacional de Química Analítica (ENQA), em Campos de Jordão, em outubro de 2011. A Profa. Montserrat mencionou estar feliz por participar de um encontro científico com tantos jovens cientistas motivados e com tão alta percentagem de mulheres. Entretanto, ela também chamou atenção para o fato de que, embora houvesse muitas mulheres na audiência, não havia muitas fazendo apresentações orais ou como palestrantes convidadas.

A ascensão na carreira científica não deve sofrer influência de gênero ou de nenhuma outra particularidade como raça ou nacionalidade. A ascensão na carreira científica deve estar relacionada à dedicação e aos esforços em prol da expansão do conhecimento humano.

Felizmente, há luz no fim do túnel. Um belo sinal é a edição de 2014 do Prêmio CAPES-Elsevier, que homenageou dez mulheres brasileiras com contribuições notáveis à ciência. Na química, certamente podemos nos regozijar, pois sete dessas mulheres contribuem para a ciência química e áreas correlatas. Bravo!

De acordo com uma das homenageadas, Profa. Vanderlan Bolzani, “A ciência é predominantemente masculina, apesar de todos os avanços que temos conseguido. Felizmente, esse prêmio estimula as mulheres. Eu cresci num ambiente no qual não havia personagens femininas nos livros. Creio que, ao longo do tempo, com muita luta, atuação brilhante, grande vigor e, acima de tudo, muita paixão, as mulheres estão escrevendo uma nova história, na qual os livros começam a ter personagens femininas.”

É importante assinalar que a edição de 2010 do Prêmio CAPES-Elsevier também homenageou dez mulheres.

Temos ainda uma longa estrada à frente. No entanto, vale lembrar que, até agora, dos 165 laureados com o Prêmio Nobel de Química, tivemos apenas quatro mulheres. É notável que uma delas, Marie Curie, também tenha recebido o Nobel de Física e que a outra, Irène Joliot-Curie, fosse sua filha.

Nós parabenizamos todas as mulheres que trabalham pelo progresso das ciências.

Vamos juntos construir uma estrada suave e completamente livre de qualquer preconceito de gênero para a carreira científica. É sempre oportuno evitar o desperdício da força intelectual de toda a humanidade.

Um recente editorial do periódico *American Scientist* afirma que: “A *American Scientist* tem uma longa história de publicar autores provenientes de grupos científicos sub-representados. Nós apoiamos a filosofia de que o valor da diversidade está em criar uma comunidade científica que seja mais criativa e inclusiva do que todas as ideias”.³

Solange Cadore
Editora Associada JBCS
Joaquim A. Nóbrega
Editor JBCS

Referências

1. *Apud* Irvine, I.; The way we were – The purpose of education. *Prospect*, April, **2014**, 88.
2. Kutchinsky, S.; Violence against women is Europe’s secret shame. *Prospect website* [http://www.prospectmagazine.co.uk/kutchinsky/violence-against-women-is-europes-secret-shame/#.U6BfSPldV1Y], 21 de março, **2014**.
3. Editorial, *American Scientist*, maio-junho, **2014**, 162.

Looking Forward to Improving Gender Equality in Science

In 1792, Mary Wollstonecraft wrote in *A Vindication of the Rights of Woman*: “My observations on national education are obviously hints; but I principally wish to enforce the necessity of educating the sexes together to perfect both”.¹

In 2014, we are witnessing a critical and unacceptable situation in Nigeria caused by the obscurantism and blindness of the Boko Haram and by a country that seems not prepared to deal with gender equality.

However, the situation of the woman’s rights is even worse because, even in modern European Community, according to a recent report by Serena Kutchinsky: “data compiled by the EU Agency for Fundamental Rights (FRA), who interviewed 42,000 women from 28 member states, it revealed that one in three women has been either physically or sexually abused”.² Surprisingly, “countries with the highest levels of gender equality reported the highest levels of gender violence. The supposedly liberal Nordic nations came out the worst with Denmark (52%), Finland (47%) and Sweden (46%). The UK fared little better coming in fifth”.²

How about the role of women in science? How is the situation in Brazil?

There are many angles through which we can look at this question, but to make a long history short let us look at some data presented by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) when celebrating the International Women’s Day on March, 8th. According to this Brazilian federal agency, the participation of women in research fellowships is 36%. This is considered by academia as a certificate of excellence in research. On the other hand, when looking at studentships for undergraduate students in sciences, 56% are women. It clearly means that the paths to go higher in the science career ladder are bigger for women than for men.

This aspect reminds us of an oral statement by Professor Montserrat Filella (University of Geneva, Geneva, Switzerland) during the 16th National Meeting of Analytical Chemistry (ENQA) held in Campos do Jordão in October, 2011. Professor Montserrat mentioned that she was happy to attend a scientific meeting with many motivated young scientists and such a high percentage of women; however, she also pointed out that she had seen many women in the audience, but not many of them delivering oral presentations or invited lectures.

Moving forward in science career must not be biased by gender or any other particularity as race or nationality. Moving forward in science career should be related to dedication and efforts towards the expansion of human knowledge.

Fortunately, we see lights in our horizons. A beautiful sign is the 2014 edition of the CAPES-Elsevier Award honoring ten Brazilian women with remarkable contributions in Science. In Chemistry, we certainly can celebrate cheerfully because seven of these women are contributing in chemical science and related areas. Cheers!

According to one award-recipient, Professor Vanderlan Bolzani, “Science is predominantly male, even with all the advances we have climbed over time. Hopefully this award encourages women. I grew up in an environment where books had no female characters. I believe that throughout this process, women with much struggle, high performance, intense vigor, and, above all, with passion are writing a new story, where books begin to have female characters.”

It is important to remember that the 2010 edition of the CAPES-Elsevier Award also recognized ten women.

However, there is a long road ahead and it is worth remembering that so far of the 165 individuals awarded with the Nobel Prize in Chemistry, only four are women. It is remarkable that one of them, Marie Curie, also has won a Nobel Prize in Physics, and other one, Irène Joliot-Curie, is her daughter.

We do congratulate all women working for the advancement of sciences.

Let us together build a smooth science career road absolutely free of any gender bias. It is always time to avoid losing the full brain force of all humanity.

A recent editorial of the *American Scientist* magazine states that “*American Scientist* has a long history of featuring authors from underrepresented groups in science. We support the philosophy that the value of diversity lies in creating a scientific community that is more creative and more inclusive of all ideas”.³

Solange Cadore
JBCS Associate Editor
Joaquim A. Nóbrega
JBCS Editor

References

1. *Apud* Irvine, I.; The way we were – The purpose of education. *Prospect*, April, **2014**, 88.
2. Kutchinsky, S.; Violence against women is Europe’s secret shame. *Prospect* website [http://www.prospectmagazine.co.uk/kutchinsky/violence-against-women-is-europes-secret-shame/#.U6BfSPldV1Y], March, 21st, 2014.
3. Editorial, *American Scientist*, May-June, **2014**, 162.